



CAMINHO DA FÉ: CICLOTURISMO E MONTANHAS

Roberto Marin Viestel¹

RESUMO

O ramal principal do Caminho da Fé (CF), inaugurado em 2003, é uma rota de peregrinação de 324 Km entre o município de Águas da Prata/SP e o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida/SP. Atualmente ele atrai a cada ano, aproximadamente, mais de 40 mil peregrinos, sendo que mais da metade são de cicloturistas. Este artigo, resultado de uma pesquisa de doutorado entre os anos de 2018 e 2023, tendo como metodologia a pesquisa qualitativa, analisou através de questionário semiestruturado, observação e ciclovagens, como ocorre o cicloturismo neste caminho. Chegamos à conclusão de que, além das motivações relacionadas a elementos da fé, o que também motiva os cicloturistas é o contato com a natureza, sobretudo no que diz respeito às montanhas enquanto elementos de geograficidade que despertam os sentidos de pertencer ao mundo. Tal experiência é primordialmente possibilitada em função da vivência de um lazer saboreado em duas rodas de uma bicicleta.

Palavras-chave: Caminho da Fé; Cicloturismo; Lazer; Geograficidade.

PATH OF FAITH: CYCLING AND MOUNTAINS

ABSTRACT

The main branch of the Way of Faith, inaugurated in 2003, is a pilgrimage route of 324 km between the municipality of Águas da Prata /SP and the National Shrine of Our Lady of Aparecida/SP. Currently, the path attracts approximately 40,000 pilgrims each year, more than half of whom are cyclists. This article, the result of a doctoral research between the years 2018 and 2023, using qualitative research as a methodology, analyzed through a semi-structured questionnaire, observation and cycle trips, how cycle tourism occurs on this path. We came to the conclusion that, in addition to the motivations related to elements of faith, what also motivates cyclists is the contact with nature, especially with regard to the mountains as elements of geographicity that awaken the senses of belonging to the world. Such an experience is primarily possible due to the experience of a leisure savored on two wheels of a bicycle.

Keywords: Path of Faith; Cycle tourism; Leisure; Geographicity.

CAMINO DE LA FE: CICLISMO Y MONTAÑA

RESUMEN

La rama principal del Camino de la Fe, inaugurado en 2003, es una ruta de peregrinación de 324 km entre el municipio de Águas da Prata /SP y el Santuario Nacional de Nuestra Señora de Aparecida/SP.

¹ Professor Doutor EBTT do Campus Inconfidentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas. Graduado em História (ICHS/UFOP), Mestre em Educação (PPGE/UNIMEP) e Doutor em Estudos do Lazer (PPGIEL/EEFFTO/UFMG).

Actualmente, el camino atrae aproximadamente a 40.000 peregrinos cada año, más de la mitad de los cuales son ciclistas. Este artículo, resultado de una investigación doctoral entre los años 2018 y 2023, utilizando como metodología la investigación cualitativa, analizó a través de un cuestionario semiestructurado, observación y viajes en bicicleta, cómo se produce el cicloturismo en este camino. Llegamos a la conclusión de que, además de las motivaciones relacionadas con elementos de fe, lo que también motiva a los ciclistas es el contacto con la naturaleza, especialmente en lo que respecta a las montañas como elementos de la geografía que despiertan los sentidos de pertenencia al mundo. Tal experiencia es posible principalmente debido a la experiencia de un ocio saboreado sobre las dos ruedas de una bicicleta.

Palabras clave: Camino de Fe; Cicloturismo; Ocio; Geografía.

INTRODUÇÃO

O ramal principal do Caminho da Fé (CF), inspirado no Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, tem início em Águas da Prata/SP, atravessa a Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais e finaliza, novamente, no Estado de São Paulo (AACF, 2024). Trata-se de um montanhoso percurso de turismo religioso que cruza a Serra da Mantiqueira com altitude média de 1.000m, 324 Km de extensão e com mais de 1.500 Km de trilhas. Possuindo magnifica beleza natural, o principal atrativo é a Basílica do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Somente ela, atrai, mensalmente, mais de um milhão de peregrinos (GAUDIUMPRESS, 2021); por sua vez, o CF atrai mais de 40 mil peregrinos, sendo que, mais da metade o percorrem de bicicleta (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2017). Entre os ciclistas há a presença preponderante de praticantes do cicloturismo, ou seja, que viajam de bicicleta unindo o prazer de ver o mundo pedalando sobre duas rodas (ROLDAN, 2000).

Para compreender o cicloturismo no CF, entre os anos de 2018 e 2023, realizamos uma pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A pesquisa se dividiu em três momentos: um de estudos doutoriais e de revisão bibliográfica (LAKATOS; MARCONI, 2006); um de observação de trabalho de campo percorrendo de bicicleta o ramal principal do CF (MARTÍNEZ, 2007); e, um de aplicação e análise de um questionário semiestruturado. O objetivo foi compreender, entre outros questionamentos da investigação, como vem ocorrendo o cicloturismo no CF. Para nossa surpresa, para além da fé, acabamos descobrindo que as montanhas ao mesmo tempo em que são obstáculos para os cicloturistas, despertam vários sentidos.

DECISÕES METODOLÓGICAS

A primeira parte do trabalho de tese se deu entre os anos de 2018 e 2019, em que nos concentrarmos em cursar disciplinas de doutorado, aprofundar a revisão bibliográfica e incrementar o treinamento físico com uma bicicleta de montanha, também conhecida como *Mountain bike* (MTb). Já, a segunda parte, o trabalho de campo em si, teve de enfrentar, muito além das montanhas, a pandemia de COVID-19. Assim, no ano de 2020, devido ao decreto de pandemia de 11 de março instituído pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a Associação dos Amigos do Caminho da Fé (AACF) - que administra a rota de peregrinação - fechou o CF, sendo reaberto apenas em 01 de setembro do mesmo ano. Ainda em condições pandêmicas, o trabalho de campo deu-se imediatamente a abertura do caminho, bem como em diversos momentos entre os anos de 2021 e 2023.

Considerando a reabertura do CF, respeitando os protocolos de saúde pública das Secretarias de Saúde Estaduais de Minas Gerais e de São Paulo, bem como das Secretarias de Saúde dos municípios do CF e correndo os riscos atinentes a estar fora de casa, no não isolamento social, realizamos várias cicloviagens pelo caminho. Assim, tivemos oportunidade de circular junto aos cicloturistas antes, durante e após a pandemia.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: anotações em diário de campo (WEBER, 2009), smartphone para captura de voz e imagens (CONFORTO; VIEIRA, 2015) e entrevista semiestruturada (MANZINI, 1990/1991, 2003a, 2003b; MORÉ, 2015; MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2015). Foram entrevistados 27 cicloturistas (24 homens e 3 mulheres), todos maiores de idade, entre 18 e 74 anos; todos eles voluntários² e praticantes do cicloturismo com bicicletas MTb (predominância de aro 29 e câmbio de 27 velocidades); apenas um cicloturista utilizava uma bicicleta elétrica (*e-bike*). O roteiro de entrevista semiestruturada envolveu 20 questões, sendo que neste artigo nos concentraremos no papel das montanhas enquanto elemento essencial de construção de geograficidade, uma vez que a maioria das respostas obtidas envolveu as montanhas como lugares mágicos de grande poder material e espiritual; portanto, adentremos às montanhas ...

²² Pesquisa está registrada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 26085519.7.0000.5149.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

No Brasil, as montanhas são definidas como “grande elevação natural do terreno, com altura superior a 300 m, constituída por uma ou mais elevações” (IBGE, 2015). Como elevação do terreno, entende-se uma cota tendo como referência a base superior a 300 m. No CF, os cicloturistas costumam se referir às montanhas como qualquer elevação de morro, pico ou serra, independentemente da altura.

“As montanhas ocupam ¼ da superfície da Terra e são responsáveis pelo sustento de aproximadamente 12% da população mundial, proporcionando bens e serviços para mais da metade da população mundial” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2011). O Brasil está entre os 20 países com a maior área montanhosa do planeta e, na América Latina, ocupa o quarto lugar (LÓPEZ NETTO, 2013). O CF ocorre em um lugar com a presença de montanhas que serpenteiam a Serra da Mantiqueira e estão presentes em quase todo o trajeto despertando várias sensações.

Fernandes (2009, p. 2974), por exemplo, estudando a relação do turismo com as montanhas na Cordilheira Central da Península Ibérica, afirma que as montanhas “tem-se tornado alvo de múltiplos interesses, que vão da contemplação ao uso com distintos motivos e diferentes graus de intensidade”. Segundo o autor, elas são espaços de consumo, mas, também, mantêm a integridade natural e cultural.

O cicloturismo é uma modalidade do turismo (OLIVA MELGAR, 1986), assim como o turismo de montanha também é (SILVA, 2011). Trata-se de modalidades que despertam percepções de aventura, conhecimento, interação social, conquista, entre outras. Vários cicloturistas que entrevistamos percebem o CF numa relação direta com as montanhas e citam várias montanhas do caminho quase como um ato inconsciente; assim, montanhas de grande inclinação como a Porteira do Céu, a Serra do Caçador e a Serra da Luminosa, apareceram com frequência nas respostas obtidas em nossa pesquisa.

O CF se constitui em um trajeto que não é somente um caminho de consumo turístico religioso ou mesmo medido quantitativamente em quilômetros, altimetria ou detalhes geográficos. Ele é um caminho vivo, cheio de emoções, sentimentos e experiências, que parecem estar muito além da fé, afetando os que estão em contato com as suas montanhas. As entrevistas dos cicloturistas deixaram isso bem claro.

Alguns cicloturistas destacaram que percorreram o CF movidos pela fé e que os lugares que mais lhes chamaram a atenção foram justamente as montanhas. Outros,

associaram o cicloturismo a um esporte e destacaram as montanhas como grandes obstáculos; outros ainda, enquanto espaço de contemplação e contato com o cosmos.

O que queremos dizer é que os cicloturistas estabelecem uma infinidade de relações junto à natureza, que se expressam no ato de andar de bicicleta em um lugar predominantemente montanhoso. Essas relações acontecem durante as cicloviagens e possibilitam despertar relações sensíveis com a terra, experimentadas a partir de uma geograficidade, ou seja, uma característica de existência a partir de uma realidade geográfica (MARANDOLA JÚNIOR, 2014).

A geograficidade reivindica a “nossa presença e intencionalidade” (MARANDOLA JÚNIOR, 2014a, p. 75). A presença dos cicloturistas e os motivos em percorrer o CF (lazer, fé, esporte, turismo e aventura) se relacionam com as diversas superfícies montanhosas, afetando a forma como cada cicloturista a sente. A inclinação das montanhas, a porosidade dos solos, os desbarrancamentos das estradas, os trechos de trilhas, as imperfeições da terra, ou seja, a vida que cada solo possui afeta diretamente não somente a técnica de pedalar e o esforço físico, mas também a mente dos cicloturistas e os sentimentos do coração.

A montanha ou a planície, o oceano ou a selva, constituem o espaço geográfico, não um espaço qualquer, mas um espaço diferenciado, onde os lugares têm nome e possuem singularidades que são demarcadas pelos homens (DARDEL, 2015). No CF, uma montanha se chama Porteira do Céu; a outra, acolá, Serra do Caçador; e, assim por diante ...

Pergunta Dardel (2011, p. 8): uma “região montanhosa não é, antes de tudo, uma região que obstrui a circulação dos homens?” Pois o CF é um destes espaços montanhosos que obstrui a circulação dos homens, principalmente para os cicloturistas, que se propõem a enfrentar as montanhas com suas bicicletas.

Pedalar uma MTb nas montanhas para se relacionar com o espaço e os lugares exige algumas considerações em relação à bicicleta e à posição corporal do cicloturista em cima dela. A MTb é uma bicicleta robusta, que exige equilíbrio e habilidade para a pilotagem. O cicloturista, por sua vez, pedala com o corpo levemente curvado para baixo, olhando fixamente para frente e para o chão. A sua visão, então, é periférica em relação aos lados. A retaguarda, como geralmente não utilizam espelho no guidom e nem no capacete, fica restrita à audição. Há uma tensão nessa forma de pedalar, que está presente o tempo todo durante uma cicloviagem, pois há um risco, que não deve ser desprezado: a possibilidade de acidentes.

Muitos locais do CF apresentam ribanceiras, que podem levar a sérios acidentes. Além disso, pedala-se por estradas de terra, com o movimento de pessoas e veículos, e

presença de animais e insetos do mundo selvagem. O risco é um componente da cicloviagem e o estado de alerta é constante. Não se pedala totalmente desperto e sossegado. A tensão faz parte do ato pedalar. Bicicleta, cicloturista e tensão interferem na percepção do espaço, porque, quando estamos pedalando na montanha, é muito difícil olhar para os lados para contemplar. A visão, o olfato, o tato, o paladar e a audição, durante uma cicloviagem, geralmente, ficam concentrados na pilotagem.

Segundo Tuan (1983, p. 30), refletindo sobre a constituição do espaço das crianças e comparando-o com o espaço dos homens, diz: os “homens vivem no chão e veem as árvores e casas de lado. Eles não veem de cima, a não ser que escalem uma montanha alta ou viajem de avião”. Assim, também, é a visão dos cicloturistas, que enxergam de lado, com a visão periférica. Geralmente, olham para a frente e olham para baixo. A percepção do espaço, então, é afetada no ato de pedalar. Por outro lado, outros sentidos dos cicloturistas se aguçam, como a audição, o tato, o cheiro, a respiração, o gosto em experimentar os espaços e a vertigem do equilíbrio dos lugares, que provocam várias sensações. O espaço, então, se alarga para além da visão e permite sensações e experiências sensíveis.

Tuan (1983, p. 7) aponta que há uma dificuldade nos seres humanos em “expressar o que conhece através dos sentidos do tato, paladar, olfato, audição, e até pela visão”. A dificuldade de expressar os sentimentos no mundo contemporâneo parece ser um grande tabu. Os corpos parecem que vivem afastados e a pandemia de COVID-19, por exemplo, parece que agravou ainda mais esta realidade. O mundo está cada vez mais virtual. Mesmo no cicloturismo em que os ciclistas andam em grupo, os corpos pedalam sozinhos em suas bicicletas, dando grande autonomia para o condutor. Quando indagamos e instigamos os cicloturistas em relação aos seus sentimentos sobre o pedalar no CF, percebemos que, muitas vezes, para se referirem ao que estavam sentindo, utilizavam como recurso de comunicação a beleza das paisagens.

As paisagens são encontros pessoais (BESSE, 2014) e o acontecimento do encontro entre o homem e o mundo que o cerca é configurado pela experiência, sendo essa uma exposição ao real. No cicloturismo, essa possibilidade da experiência envolve o cicloturista, o ambiente natural e a bicicleta, e o despertar do estar-no-mundo parece ganhar significados, que fazem com que o cicloturista sinta-se fazendo parte do mundo. Assim, quando o corpo se cansa, por exemplo, conhecendo os seus limites físicos, ele parece se tornar disponível ao mundo. Estar disponível ao mundo seria esgotar as energias para que possamos dar valor aos limites de nosso próprio corpo e, consequentemente, atingir o mundo?

Disponível ao mundo ou estar-no-mundo indica um sentimento para com um espaço qualificado, que afeta concretamente o homem (Dardel, 2015). Não se trata de teoria ou simples retórica. Já tivemos oportunidade de observar várias vezes no CF este estar-no-mundo. Já presenciamos cicloturistas, que, por exemplo, ao atingirem com muita dificuldade e esforço físico a Porteira do Céu, entraram em êxtase com a beleza do lugar e se derramaram em lágrimas de tanta emoção. Esse é um exemplo de despertar-no-mundo, entre tantos outros, que são possibilitados no CF. Para alguns cicloturistas, isso é Deus; para outros, é destreza, força de vontade, superação e exercício físico; e, para outros, ainda, pode ser geograficidade e amor pelo planeta.

A paisagem, acreditamos, não se dá em um local qualquer, mas em um território delimitado. Sendo assim, podemos dizer que os territórios são formadores de paisagens e estas, por sua vez, são compostas por lugares e espaços. No mundo contemporâneo, os territórios são experimentados simultaneamente de infinitas formas, surgindo o sentimento de topofilia, um sentimento de amor pela terra. Os cicloturistas possuem diversos níveis de interpretação das paisagens tanto subjetiva quanto objetivamente. Isso irá determinar a experiência na percepção da paisagem, que se vive; eles se impregnam de paisagens ao longo do caminho. Alguns cicloturistas, por exemplo, ao subirem e descerem montanhas, podem experimentar um sentimento de topofilia, mas, também, podem ter horror a elas; ou seja, experimentar um sentimento de repulsa, de topofobia. As “[...] paisagens ganham visibilidades insólitas resguardando diferentes sentidos, experienciados sempre pela simultaneidade dos sentimentos topofílicos e topofóbicos” (GUIMARÃES, 2002, p. 140).

Segundo Tuan (1980, p. 130), “as pessoas sonham com lugares ideais”, pois o imaginário do lugar ideal é inerente aos humanos. Mas, o ideal, talvez, seja uma circunstância de espaço e tempo na construção da cultura dos povos. O homem – e aqui a nossa preocupação se volta para o cicloturismo – precisa ser compreendido em suas condições de existência. O CF é uma possibilidade de experimentação da existência, sendo a topofilia e a topofobia faces de uma mesma moeda e as montanhas, espaços privilegiados para essa experimentação. Muitos cicloturistas destacam sentimentos de afeição, que possuem em relação ao CF, mas as montanhas são os locais em que esse sentimento aparece com maior frequência, conforme relatado nas entrevistas e conversas com cicloturistas, e percebido, inúmeras vezes, ao longo das observações do trabalho de campo.

CONCLUSÃO

A partir de Tuan (1980, p. 107), entendemos que a afeição e os laços afetivos são aqueles sentimentos em que os seres humanos despertam pelos lugares ou pelo meio ambiente como um todo, como “veículo de acontecimentos emocionalmente fortes” e simbolicamente perceptíveis. Tuan (1980, p. 107), citando Eurípedes, afirma que “a ordem de prioridades da afeição humana é provavelmente amplamente compartilhada por todos os homens”. A afeição é um sentimento de reconhecimento e aproximação com a natureza, enquanto o laço afetivo é um sentimento que vai além do reconhecimento e aproximação, estabelecendo uma relação mais íntima de proximidade com a natureza através de lugares significativos, como, por exemplo, as montanhas. A afetividade dos cicloturistas com as montanhas foi destacada por vários cicloturistas que entrevistamos. Várias montanhas foram lembradas como lugares em que se sentem como pertencentes a eles.

Um exemplo de laços de afetividade de cicloturistas com as montanhas foi observado junto a um grupo de 25 cicloturistas na Serra do Caçador (1.400 m). À medida que chegavam ao topo da montanha, as reações foram diversas, como explosão de choro, risos e gritos. Quase imediatamente a essas reações, eles pegavam os telefones celulares para registrar o momento e o ambiente natural com fotografias, com fotos de si mesmos (selfs), parecendo, como mostra Tuan (1980), provar, para si mesmos, e para as outras pessoas que estavam naquele lugar; quer dizer, que pertenciam a ele e que tinham laços afetivos.

Para os cicloturistas, provavelmente, o prazer estético proporcionado pelo ambiente natural e a visão da natureza podem variar em intensidade e nas formas como se estabelecem e acontecem, porém são bem reais e demonstram uma aproximação do homem com a natureza. Segundo Tuan (1980), não é o turismo, neste caso, o cicloturismo, o que une o homem à natureza. Antes, são os insights de realidade, que, às vezes, são experimentados como beleza. As montanhas consistem daqueles objetos da natureza, que propiciam sensações físicas verdadeiras, e a “verdade” no cicloturismo é que não se engana as montanhas! De acordo com Tuan (1980), nas primeiras etapas da história do homem, a montanha foi vista com assombro, como um lugar da morada dos deuses e o local de contato entre o céu e a terra. No século XVIII, as montanhas eram vistas como insolentes e rudes; no século XIX, romanticamente esplêndidas e arrebatadoras da alma; e no século XX, tinham um poder de cura devido ao ar puro. O cicloturismo por entre montanhas no CF parece carregar ao mesmo tempo todas essas características: indolência, rudeza, esplendor, ar puro e o contato entre o céu e a terra.

REFERÊNCIAS

- AACF – Associação dos Amigos do Caminho da Fé Águas da Prata – Estado de São Paulo. Disponível em: <https://caminhodafe.com.br>.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2014.
- BRASIL. IBGE. **Dados gerais**. Rio de Janeiro: 2015.
- CONFORTO, Débora; VIEIRA, Maristela Compagnoni. Smartphone na Escola: da discussão disciplinar para a pedagogia. **Latin American Journal of Computing**, v. 2, p. 43-54, 2015.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FERNANDES, Gonçalo J. Poeta. Áreas de montanha e turismo. Conflitos e complementaridades na apropriação do território. In: **1º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde. 15º Congresso da APDR. 2º Congresso Lusófono de Ciência Regional. 3º Congresso de Gestão e Conservação da Natureza**. Cabo Verde: Redes e Desenvolvimento Regional, 2009.
- GAUDIUMPRESS. **Aparecida: em 2020, pandemia fez cair 75% de peregrinações ao Santuário**. 2021. Disponível em: www.gaudiumpress.org/content/aparecida-em-2020-pandemia-fez-cair-75-de-peregrinacoes-ao-santuario/.
- GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 117-141, jan./jun. 2002.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2006.
- LÓPEZ NETTO, Amazile. **Políticas públicas para o desenvolvimento rural sustentável em ambientes de montanha no Brasil e na Argentina**. 2013. 184 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2013.
- MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, verão 2012.
- MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- _____. Análise de artigo da Revista Brasileira de Educação Especial (1992- 2002). **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília: Unesp, v. 9, n. 1, p. 13-23, 2003a.
- _____. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE, Maria Cristina; ALMEIDA, Maria Amélia; OMOTE, Sadao (Org.). **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003b. p. 11-25.
- _____. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso – NEMO**, Maringá: UEM, v. 4., n. 2, p. 149-171, 2012.
- MARTÍNEZ, Luis. La observación y el diario de campo en la definición de un tema de investigación. **Revista Perfiles Libertadores**, Bogotá, 2007.
- MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde – dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, v. 3, 2015.
- MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- OLIVA MELGAR, José Maria. Ciclismo. Esporte e cultura na bicicleta. **Anotações. Educação Física e Esportes**, v. 4, p. 46-51, 1986.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES / AACF. **Relatório de Atividades - 2017.** Águas da Prata, 2017. Disponível em: <http://www.caminhodafe.com.br/ptbr/relatorio-de-atividades/>.

ROLDAN, Thierry. **Cicloturismo: planejamento e treinamento.** 2000. 74 f. Monografia (Bacharelado em Treinamento e Esportes) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

SILVA, Carla Maria Alves da. **A imagem dos destinos turísticos de montanha: olhares dos residentes e dos turistas.** 2011. 393 f. Tese (Doutorado em Turismo) – Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal, 2011.

TUAN, Yi-fu. **Topofolia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.